

## Silviano Santiago e o discurso transgressor latino-americano: balbucios a partir da Fronteira-Sul<sup>1</sup>

*Silviano Santiago y el discurso transgresor latinoamericano: balbuceos a  
partir de la Frontera Sur*

*Silviano Santiago and the Latin American transgressive discourse:  
babbling from the Southern Border*

Dênis Angelo Ferraz<sup>2</sup>

Prof. Dr. Edgar César Nolasco<sup>3</sup>

### Resumo

Com esta reflexão que se erige como *balbucio teórico* (ACHUGAR, 2006), objetiva-se evidenciar uma leitura crítico-biográfica fronteiriça, a partir do discurso transgressor que é evocado pelo escritor mineiro, Silvano Santiago, sobretudo em sua conceituação do entre-lugar do discurso latino-americano, que aponta para uma abertura ao debate pós-colonial podendo se relacionar com a *desobediência epistêmica* de Walter Mignolo, esse discurso se erige a partir da cultura marginal e dos corpos que acabam por se tornarem inconvenientes (SANTIAGO, 2019) frente às normas instituídas socialmente. A partir de tais indícios é possível vislumbrar toda relevância de se erigir tal reflexão, engendrando nesse debate conceitual um pensamento outro, numa abordagem que se pauta a partir de estudos descoloniais, que leve em conta o *bios* e o lócus de onde se emerge esses discursos, incorporando assim o pensamento que emerge na e a partir da fronteira e meu próprio *bios*, minha condição de pesquisador e homem negro. Depreendendo-se à uma reflexão que se pautar na *desobediência epistêmica* (MIGNOLO), por meio de uma discussão à luz das conceituações de Edgar César Nolasco, Boaventura Santos e de Walter Mignolo. Com esse intento evidencia-se a importância de erigir leituras com base no pensamento fronteiriço, pois é nítido que a partir das inconveniências de corpos transgressores emergem vozes dissonantes como resistências políticas (SANTIAGO, 2019) em busca de (re)existirem, de modo que reforcem a urgência de se aprender a desaprender para assim reaprender de um modo *outro*.

Palavras-Chave: corpo; crítica biográfica-fronteiriça; descolonialidade; desobediência epistêmica; Silvano Santiago.

### Resumen

Con este reflejo erigido como un *balbuceo teórico* (ACHUGAR, 2006), el objetivo es evidenciar una lectura crítico-biográfico fronteriza, a partir del discurso transgresor que es evocado por el escritor brasileño, Silvano Santiago, sobre todo en su conceptualización del *entre-lugar* del discurso latinoamericano, que apunta a una apertura al debate poscolonial que puede estar relacionado con la *desobediencia epistémica* de Walter Mignolo, tal discurso se dirige desde la cultura marginal y desde los cuerpos que acaban resultando inconvenientes

<sup>1</sup> Artigo apresentado no Latinidades – Fórum Latino-Americano de Estudos Fronteiriços, na modalidade online, 2020.

<sup>2</sup> Bacharel em Ciências Sociais – UFMS; Membro do Núcleo de Estudos Culturais Comparados - NECC; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; [denisferraz\\_une@hotmail.com](mailto:denisferraz_une@hotmail.com)

<sup>3</sup> Dr. FAALC; PPGEL. Coordenador do Núcleo de Estudos Culturais Comparados – NECC; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; [ecnolasco@uol.com.br](mailto:ecnolasco@uol.com.br)

(SANTIAGO, 2019) frente a las normas socialmente instituidas. A partir de tal evidencia se vislumbra toda la relevancia de construir tal reflexión, generando en este debate conceptual un pensamiento *otro*, en un enfoque basado en estudios descoloniales, que toma en cuenta el *bios* y el locus de donde surgen estos discursos, incorporando así el pensamiento que emerge en y desde la frontera, bien como a mi propio bios, mi condición de investigador y hombre negro. Desde una reflexión basada en la desobediencia epistémica (MIGNOLO), pasando por una discusión a la luz de los conceptos de Edgar Cézár Nolasco, Boaventura Santos y Walter Mignolo. Con esta proposición, se evidencia la importancia de erigir lecturas basadas en el pensamiento de frontera, pues es evidente que, de los inconvenientes, de los cuerpos transgresores surgen voces disonantes como resistencias políticas (SANTIAGO, 2019) en busca de (re) existir, para que reforzar la urgencia de aprender a desaprender para volver a aprender de manera *otra*.

Palabras claves: cuerpo; crítica biográfica-fronteriza; decolonialidad; desobediencia epistémica; Silviano Santiago.

### Abstract

With this reflection that is erected as a *theoretical babbling* (ACHUGAR, 2006), the objective of showing a border critical-biographical reading, from the transgressive discourse that is evoked by the writer of Minas Gerais, Silviano Santiago, above all in its conceptualization of the between-place of Latin American discourse, which points to an opening to the postcolonial debate that can relate to the Walter Mignolo's *epistemic disobedience*, this discourse is erected from marginal culture and bodies that eventually become inconvenient (SANTIAGO, 2019) socially established standards. From such indications it is possible to glimpse all the relevance of erecting such reflection, engendering in this conceptual debate another thought, in an approach that is based on decolonial studies, that takes into account the *bios* and locus from which these discourses emerge, thus incorporating the thought that emerges in and from the border and my own *bios*, my status as a researcher and a black man. Imprecating a reflection that is based on *epistemic disobedience* (MIGNOLO), through a discussion in the light of the concepts of Edgar Cézár Nolasco, Boaventura Santos and Walter Mignolo. With this intent, the importance of erecting readings based on frontier thinking is evidenced, because it is clear that from the inconveniences of transgressive bodies emerge dissonant voices as political resistance (SANTIAGO, 2019) in search of (re)exist, so that they reinforce the urgency of learning to unlearn to relearn in *another* way.

Keywords: body; biographical-border criticism; decoloniality; epistemic disobedience; Silviano Santiago.

## 1. Introdução

Pensar *a partir da* periferia implica pensar a partir dos projetos globais que se cristalizam, de forma hegemônica, na cultura; significa, também, em transculturar tais projetos globais em projetos locais periféricos que façam sentido para a cultura periférica; significa, ainda, e sobretudo, em rearticular os saberes e os discursos todos de uma perspectiva da crítica subalterna. Uma reflexão crítica periférica, por sua natureza de fora do lugar e sua estratégia transdisciplinar, só pode se situar e, por conseguinte, ancorar seu discurso na margem do saber instituído e dos discursos acadêmico e disciplinar, como forma de barrar um pensamento totalizante vindo de fora (NOLASCO, 2013, p. 87).

Quero pensar por meio destas linhas que agora ousou redigir, o discurso transgressor dos corpos periféricos/marginalizados, aqueles que tem sido invisibilizados e excluídos historicamente: negros, povos latinos originários, mulheres, LBTTQ+, camponeses, ou seja, as vítimas deste sistema colonialista eurocêntrico, capitalista, patriarcal, racista. De tal modo que aqui intento erigir uma discussão à luz de uma visada descolonial, com vistas a construir

um pensamento *outro* (MIGNOLO, 2003), desobediente e em consonância com o que foi supracitado nas epígrafes, levando em conta, o que na esteira de Edgar Cezár Nolasco, denomino fronteira-Sul. Este espaço geoistórico de onde emergem minhas reflexões, minhas memórias e imagens que moldam muito do que se configurara como meu próprio ser. Este *lugar onde o sol se põe* (Nolasco, 2014), é o local de meu *balbucio* (Achugar), *de onde sou e de onde penso* (Mignolo) minha fronteira-Sul.

Esse lugar é o local em que “fui colocado, mas que também escolhi” (ACHUGAR, 2006, p.14), onde corpos fronteiriços subalternizados se põe inconvenientemente frente as normas de condutas do pensamento moderno/colonial hegemônico, e de seus propagadores/reprodutores. O que me suscita inserir à discussão, o escritor mineiro Silviano Santiago. Nesse sentido trago alguns apontamentos e reflexões acerca da transgressão apresentada pelo discurso latino-americano, do papel do crítico latino-americano, e apontamentos sobre suas obras críticas e ficcionais. Junto aqui, tomo também reflexões trazidas a partir de seu texto intitulado: *Inconveniências do corpo como resistência* (2019).

Insiro-me também nessa reflexão na condição de pesquisador acadêmico, que pensa e habita este lócus fronteiriço, que vive imerso nesta paisagem biogeográfica da fronteira-Sul, sendo envolvido por sensibilidades que afloram neste lócus e que apre(e)nde a partir/com as histórias e sensibilidades locais. Mais ainda, como um homem negro que busca reexistir de maneira outra, frente a um quadro de racismo estrutural, que gera estatísticas brutais no que tange à vida de homens e mulheres de pele preta. Pensando minha condição e de demais habitantes deste lócus como corpos inconvenientes que resistem politicamente (SANTIAGO, 2019) frente ao que o projeto moderno/colonial/ocidentalista erigiu como norma a ser seguida, como uma boa conduta.

Deste local concreto onde sujeitos subalternizados se levantam buscando reexistir frente as agruras suscitadas pelo projeto moderno, colonialista, capitalista, branco-hétero-patriarcal-falocêntrico. Se configurando como transgressores às imposições do padrão, imposto como norma, ao longo do desenvolvimento desse projeto moderno. Essas vozes são desvalorizadas como ao longo da história foram notavelmente invisibilizadas, desconsideradas quanto sua capacidade de produzir reflexões epistemológicas. Para os ouvidos eurocentrados pensamentos e teorizações erigidos desses corpos latino-americanos são apenas balbucios inconsistentes, o que levou a o teórico uruguaio Hugo Achugar a questionar:

[..] para os ouvidos do hemisfério norte é sempre o do “balbucio” e da incoerência ou da inconsistência teórica? Não será que o “balbucio teórico latino-americano” não é incoerência nem inconsistência? Não será que esse balbucio teórico é outro pensamento ou um pensamento outro? Não será que balbuciar é um “discurso raro”, um “discurso orgulhosamente balbuciante”? Não será que eu tenha escolhido “balbuciar teoricamente” como um modo de marcar e prestigiar meu discurso? (ACHUGAR, 2006, p. 35).

Tendo como reflexão os questionamentos de Achugar a partir dessa citação, fica nítida a desvalorização do pensamento não ocidental, de maneira que o teórico uruguaio aponta a metáfora do balbucio para demonstrar como “os ouvidos do hemisfério norte” desdenham dos discurso latino-americano. Tal apontamento ressalta o que tenho descrito como invisibilização de corpos subalternizados, num sentido que engloba, filosofia e cultura histórica destes corpos. O que o processo de colonização buscou fazer, em nome do que chamou de salvamento das almas selvagens e barbaras, daqueles corpos não europeus/católicos.

Entendo como necessário ter em mente que “a produção do conhecimento é inseparável das sensibilidades do local geográfico e que os locais históricos, no mundo colonial/moderno, foram moldados pela colonialidade do poder” (MIGNOLO, 2003, p. 249). Desta forma vejo que “o sujeito social pensa, ou produz conhecimento, a partir de sua “história local”, ou seja, a partir do modo que “lê” ou “vive” a “história local” (ACHUGAR, 2006, p. 29), de modo que, assumo como condição para este intento a opção descolonial, superando o que é tido apenas como balbucio, convicto de que esta opção “não é só uma opção de conhecimento, uma opção acadêmica, um domínio de ‘estudo’, mas uma opção de vida, de pensar e de fazer” (MIGNOLO, 2017, p. 31). Tendo como basilar para essa opção assumida, que ela requer a adoção de uma perspectiva que tem como base a desobediência epistêmica. A qual vemos no apontamento do teórico argentino:

[...] toda mudança de descolonização política (não-racistas, não heterossexualmente patriarcal) deve suscitar uma desobediência política e epistêmica. A desobediência civil pregada por Mahatma Ghandi e Martin Luther King Jr. foram de fato grandes mudanças, porém, a desobediência civil sem desobediência epistêmica permanecerá presa em jogos controlados pela teoria política e pela economia política eurocêntrica. (MIGNOLO, 2008, p. 287).

Penso que para o intento aqui exposto, de alcançar este olhar *outro*, é auspicioso pensar a partir da crítica biográfica fronteiriça, pois ela impele a um pensar e um fazer, pautado na desobediência epistêmica, que a guisa da citação de Mignolo, deve além de se pautar por uma desobediência civil buscar construir uma pratica epistemológica outra, não tentando apagar o que existe como padrão de pensamento teórico. De forma que se torna primordial, superar esse

padrão hegemônico, transgredir assim a imposição de reiterar disciplinarmente o que é imposto como forma única de se pensar epistemologicamente, e desta maneira romper com as agruras que esse padrão provoca. Para que assim dar voz e valor aos corpos invisibilizados pelo pensamento moderno/colonial.

A partir da realidade que emerge sensibilidades geoistoricas deste lócus onde se pensa e vive arrolando reflexões conceituais na esteira de BESSA-OLIVEIRA, relacionadas à arte, cultura, ao saber, em paisagens/sujeitos biogeográficos. Numa reflexão que está diretamente relacionada ao meu *bios* e meu lócus, e que por meio da articulação com algumas imagens, que arrolo a *posteriori* nesse texto, intentando ao exercício teórico de aprender a desaprender para reaprender (MIGNOLO, 2008). Penso a condição dos corpos marginalizados pela colonialidade/modernidade, bem como seus discursos (balbucios) que são erigidos em resistência política, numa luta para se (re)existirem como seres pensantes, a partir de meu lócus: a fronteira-Sul, de modo que só posso alçar tal reflexão me pautando nos estudos descoloniais.

## 2. Discurso transgressor latino-americano e a desobediência epistêmica

Daqui em diante, a opção descolonial não é só uma opção de conhecimento, uma opção acadêmica, um domínio de ‘estudo’, mas uma opção de vida, de pensar e de fazer. Ou seja, de viver e con-viver com quem acha que a opção decolonial é a sua e com quem tem encontrado opções paralelas e complementares à descolonial (MIGNOLO, 2017, p.31).

Na esteira de Mignolo, como é possível verificar na epígrafe acima, ao assumir a fronteira como minha opção de vida, pauto minhas reflexões e minha pesquisa na desobediência epistêmica. O teórico argentino Walter Mignolo aponta que é determinante para um pensamento *outro*, se pautar na desobediência epistêmica. Segundo ele essa opção descolonial é, em si, uma desobediência epistêmica, “ela se desvincula dos fundamentos genuínos dos conceitos ocidentais e da acumulação de conhecimento” (MIGNOLO. 2008, p.290). Mignolo aponta que devido a isso, “a descolonização implicava a descolonização do saber e do ser (isto é, da subjetividade)” (MIGNOLO. 2010, p.9)<sup>4</sup>, de modo que a desobediência epistêmica é proposta para que o fazer descolonial possa em primeiro momento se desprender da razão moderna/ocidental, que fomenta uma epistemológica de poder, e busca por padrões das relações socioeconômicas e das subjetividades dos povos.

---

<sup>4</sup> “*la descolonización implicaba la descolonización del saber y del ser (esto es, de la subjetividad).*” (MIGNOLO. 2010, p. 09. Tradução minha).

Ao me propor pensar nessa visada descolonial não há como desprezar minha condição, primeira de estudante/pesquisador que se encontra na fronteira sul, no estado de Mato Grosso do Sul, que faz fronteira com Bolívia e Paraguai. Segunda, minha própria (afro)descendência, e por sentir cotidianamente aquilo que o pensamento moderno, colonialista e imperialista legou a quem tem a pele preta como eu. Terceira questão, diz respeito ao fato de eu ter nascido no começo da década de 80. Vi ainda na infância a abertura para democracia após as terríveis décadas onde imperou o sistema ditatorial militar no Brasil, a exemplo de outros países latino-americanos.

Em 1981, ano de meu nascimento, erguiam-se os gritos pelas diretas já! Movimento que ganhou este nome por requerer eleições diretas para presidente. Vozes que foram por anos abafadas se uniam nas grandes cidades e já não eram contidas pelo aparelho bélico militar estatal. Este cenário, o mesmo em que Silviano Santiago encontra quando escreve sua ficção *Em Liberdade*, que por coincidência é publicado neste mesmo ano de 1981. Santiago trabalha nesta ficção, bem como em suas demais ficções, vários aspectos da teoria literária, mas também faz uso de seu cabedal teórico para tratar politicamente. *Em Liberdade*, é um exemplo disto, nele o mineiro descreve por meio de uma digressão temporal a realização de uma missa pela morte do poeta e rebelde do século XVIII Cláudio Manuel da Costa, remetendo a morte similar sofrida pelo jornalista Wladimir Herzog na década de 1970. Fazendo uma crítica política a repressão estatal.

Tendo em vista que essa reflexão provem do desenvolvimento de uma pesquisa de iniciação científica que tem como emprego metodológico a pesquisa bibliográfica com foco, sobretudo, na publicação: *Em liberdade* (1981) de Silviano Santiago, e a partir dessa leitura evidencia-se uma abordagem que pauta nossa reflexão em uma visada crítica biográfica fronteiriça, torna-se essencial pautar que tal teorização, cunhada pelo professor Dr. Edgar Cezár Nolasco a partir da confluência dos estudos da crítica biográfica com os estudos subalternos/descoloniais. A esse respeito o próprio teórico da fronteira Sul aponta:

Enfim, precisamos aprender a desaprender a pensar teoricamente a partir do lócus no qual nos encontramos, posto que nosso corpo encontra-se situado a partir daí, bem como nosso pensamento. Nosso corpo também faz parte da epistemologia da qual nos valem para pensar e nos pensar. O *bios* se inscreve nesse lócus enunciativo por meio de um discurso histórico que antecede a tudo. Precisamos a aprender a falar do *bios* e do corpo; afinal uma pesquisa tem alma (NOLASCO, 2018, p.19).



Na trilha de Edgar Nolasco, ao visar pensar a partir de meu *bios* e meu lócus, também acento minhas reflexões e minha pesquisa numa teorização fronteiriça, configurada num caminho que entendo como vital, por pensar a partir desta fronteira, lugar onde, vivo, estudo, e busco erigir tal reflexão. Buscando assim descolonizar meu próprio pensar dentro da maneira que me foi inculcida, numa visada teórica moderna. Penso meu viver e minha pesquisa a partir desta fronteira, configurada como exterioridade da modernidade, tomando tal consciência do lugar onde habito, das sensibilidades e memórias que provêm de corpos fronteiriços.

Esses corpos fronteiriços se apresentam frente ao pensamento colonial como corpos inconvenientes, pois ao se negar os ditames do pensamento hegemônico, acabam por ressaltar os saberes locais. Esses corpos desobedientes e transgressores se tornam inconvenientes politicamente, ao visar romper com o imperativo pensamento moderno, ou como aponta Mignolo, em desobediência epistêmica, tornando-se indispensáveis para descolonizar o modo de pensar, e me impelem a ousar pensar fronteiriçamente, por meio de minhas reflexões e ações, de meu corpo, que é também fronteiriço, negro, subalterno, para assim tornar-se também um corpo inconveniente como aludi Silviano Santiago, aliado hospitaleiro (PESSANHA, 2018). Isso deve estar impregnado em minhas reflexões, no meu discurso e em minha voz, que se faz assim dissonante, junto com esse pensar *outro*, também um corpo político, transgressor dos imperativos moderno.

Trago novamente a essa reflexão meu aliado Silviano Santiago, pensando na transgressão que o autor mineiro evoca a partir de suas reflexões acerca do discurso latino-americano. Característica que já abre uma possibilidade para um debate descolonial, mesmo tendo nítido que o mesmo não se configura como um teórico descolonial, porém o mesmo não fixando-se a uma só corrente e pautando seus ensaios e críticas numa reflexão transdisciplinar ele já em sua crítica aponta para um discurso pós-colonial. Sobre tais características encontradas em Silviano Santiago, a citação a seguir ressalta:

Santiago já apresenta no seu livro *Em liberdade* a característica transgressora que o acompanha durante suas inúmeras publicações posteriores, fruto de uma teorização tão intensa quanto sua produção ficcional, característica que Silviano mantém desde o começo de sua produção literária, e que demonstra quanto sua veia ficcional é atravessada pelo *bios* professoral. Esta transgressão é ponto chave para suas teorizações e por consequência também a sua obra ficcional, por ela o escritor mineiro aponta como escritores brasileiros e de demais países latino-americanos se inscrevem na literatura não apenas replicando conceituações impelidas hegemonicamente por culturas centrais, colocando assim a América Latina e suas características também em evidência (FERRAZ; NOLASCO, 2020, p.78).

À guisa de reflexões caracterizadas nessa citação é possível inferir que se torna deveras relevante lançar um olhar descolonial ou em nosso caso fronteiriço, às reflexões de Santiago, e atendendo-se a característica que a citação destaca, o feitio que transparece na obra do meu aliado mineiro, a forma como usa de suas ficções suplementando seus ensaios críticos/teóricos. Que na citação é apontada como o *bios* de professor que Silviano carrega mesmo em seu ofício de escritor. Fora isso ainda é nítida que o autor mineiro perpassando por reflexões culturais, artísticas, literárias, políticas, sociológicas, antropológicas entre outras não se prende a seguimentos disciplinares, as usando com propriedade para seus ensaios e suas ficções. Nolasco aponta:

O modo como Silviano dialoga com a tradição e, especificamente, o lugar onde ele engasta seu lócus diferencial de enunciação permitem e dão a ele o direito epistêmico de construir e propor uma forma fronteiriça de pensar que vai na contracorrente do modo hegemônico de pensar dentro da tradição literária brasileira. (NOLASCO. 2019, p.87-88).

Com base no apontamento de Nolasco é nítido que Santiago junta seu cabedal teórico, com sua leitura da América Latina vista por alguém que traz em si a experiência de uma vivência de mundo, por ter vivido em países diferentes em épocas efervescentes, no caso, primeiro na França, quando da revolta dos argelinos e os movimentos que estouraram em 1968, e nos Estados Unidos no momento em que se acirram as manifestações e o movimento pelos direitos civis, relacionado sobretudo com a luta dos negros daquele país.

### 3. Conclusões

Como resposta à violência da colonialidade, Mignolo aponta que é necessária a descolonialidade, formando-se, assim, uma tríade: modernidade/colonialidade/descolonialidade. Sendo que a modernidade e colonialidade são como faces de uma mesma moeda. Por mais que tenhamos essa tríade, cada uma dessas palavras é distinta e se encontra dentro de uma só conceituação.

Desobediente e transgressor, o discurso, visto em momentos destacados e em autores latinos de destaque dentro do pensamento latino americano, se torna preponderante para uma teorização descolonial, pois como visamos com essa reflexão, a transgressão é resposta à uma normatização autoritária que lega aos corpos subalternizados um lugar submisso a maneira de pensar dos centros colonizadores e recolonizadores. E a busca de (re)existir frente a tais imposições torna esses corpos, ainda que declarados (por aqueles que visam manter tais



imposições) como inconvenientes, resistências políticas frente a essas imposições, o que demonstra a relevância de tais ações.

Meu corpo que ousa re-existir, quando as estatísticas apontam para uma vida relativamente curta, com um nível escolar baixo, eu sou o homem preto que nasceu, cresceu e ainda vive na periferia de um centro urbano, em meio à violência e o medo, de criminosos e mesmo da violência policial. O homem preto da periferia que ousa, contrariando as estatísticas, a sobreviver, pensar, pesquisar e a escrever, um corpo que desobedece epistemologicamente que ousa canibalizar (PESSANHA, 2018) um dos maiores nomes intelectuais de nosso país, vivo hoje escre(vi)vo na e a partir da minha fronteira-Sul um lugar de “exposição de exterioridades biogeográficas como modos de produção de arte, cultura e conhecimentos. Um lugar em que o corpo físico como compreendemos hoje – especialmente nas artes – está cada vez mais no lugar moderno do corpo padronizado” (BESSA-OLIVEIRA. 2019, p. 94).

Neste sentido penso minha própria condição de homem preto fronteiriço, habitante excluído e marginalizado, preto periférico, trabalhador, estudante, pai e esposo, um sujeito subalternizado que ousa realizar o que a extrema maioria dos meus “iguais” não tem a oportunidade de realizar: Pensar teoricamente, pesquisar, até mesmo estar em uma universidade pública. Portanto penso que só com uma prática descolonizante em nossas abordagens, sobretudo acadêmicas pautados numa desobediência epistêmica em nossas vivências pedagógicas, críticas e em nossas pesquisas será possível estabelecer um olhar outro. Como corpos inconvenientes que ousam resistir e nadar contracorrente política e artisticamente para assim superar o pensamento ocidentalista eurocêntrico pautado pela visão de mundo trazido pelo pensamento da modernidade.

### Referências

ACHUGAR, H. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

BESSA-OLIVEIRA, M. A. Pedagogias da diversidade. *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Pedagogias Descoloniais, Pedagogias*, v. 1 n. 21 (2019). Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/9691> Acesso em: julho/2020.

FERRAZ, D. A.; NOLASCO, E. C. Literatura transgressora em Silviano Santiago. Anais do III Seminário Internacional de Estudos de Linguagens e da XXI Semana de Letras FAALC/UFMS. Nº 2 (2020). Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/SIEL/article/view/9648> Acesso em: outubro/2020.

- LOPES, D. *No coração do mundo: paisagens transculturais*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.
- MIGNOLO, W. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. 2008. Disponível em: [http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia\\_epistemica\\_mignolo.pdf](http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf). Acesso em: julho. 2020
- MIGNOLO, W. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v32n94/0102-6909-rbcsoc-3294022017.pdf> Acesso: agosto. 2020.
- MIGNOLO, W. Desafios decoloniais hoje. 2017. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/download/772/645> Acesso: setembro. 2020.
- MIGNOLO, W. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- MIGNOLO, W. *Desobediencia epistémica: Retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010 Disponível em: <file:///C:/Users/denis/Downloads/Mignolo%20Walter%20-%20Desobediencia%20Epistemica.PDF> Acesso: setembro. 2020.
- NOLASCO, E. C. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*. São Carlos: Pedro&João Editores, 2013.
- NOLASCO, E. C. Silvano Santiago e o lugar onde o sol se põe: entrelugares epistemológicos ao sul da fronteira-sul. *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAI*S: Silvano Santiago: uma homenagem. v. 6, n. 11. Campo Grande: Editora UFMS, 2014, p. 17-29.
- NOLASCO, E. C. Descolonizando a pesquisa acadêmica. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/7725> Acesso em: agosto. 2020.
- NOLASCO, E. C. Habitar a exterioridade da fronteira-sul. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/7771> Acesso em: agosto. 2020.
- NOLASCO, E. C. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/9688> Acesso em: agosto. 2020.
- PESSANHA, J. G. *Recusa do não-lugar*. São Paulo: UBU Editora, 2018.

SANTIAGO, S. *Em liberdade: uma ficção* de Silviano Santiago. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SANTIAGO, S. *Uma literatura nos trópicos*: edição ampliada. Recife: Cepe, 2019.

SANTIAGO, S. Inconveniências do corpo como resistência política. 2019. Disponível em: [https://issuu.com/suplementopernambuco/docs/pe\\_165\\_web](https://issuu.com/suplementopernambuco/docs/pe_165_web) Acesso: julho. 2020.

SANTIAGO, S. O feroz inquieto. Entrevista a LESSA, Carina. Disponível em: <http://rascunho.com.br/o-feroz-inquieto/> Acesso em: setembro. 2020.

SANTOS, B. S; MENESES, M. P. (org.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010.